

7. As Várias Formas de Super-Exploração Imperialista dos Países Semicoloniais e seu Desenvolvimento nas últimas Décadas (Parte 1)

Elaboramos nossa defesa da Teoria Leninista do Imperialismo contra as objeções centristas em um nível teórico e mostramos que o papel dos mercados coloniais e semicoloniais para o capital monopolista é de grande importância como fonte para seus lucros-extras. Agora vamos provar isso no nível concreto.

Não nos surpreende que, dada a natureza das estatísticas burguesas, seja difícil calcular a magnitude concreta da super-exploração imperialista. As estatísticas burguesas são geralmente produzidas por instituições privadas ou públicas que são direta ou indiretamente financiadas pelo capital monopolista imperialista ou por seu aparato estatal. Isso vale tanto para institutos econômicos privados que vivem da atração de novos negócios ou instituições públicas como o FMI, Banco Mundial, OCDE ou Departamentos das Nações Unidas (como UNCTAD, OMS ou ECLAC). Estes últimos têm a ligeira vantagem de que aqui os governos burgueses semicoloniais têm mais influência, o que tem a consequência de que, às vezes, permitem estudos críticos sobre as desvantagens que os países semicoloniais enfrentam por causa das potências imperialistas e das corporações multinacionais.

Apesar de todas essas reservas necessárias, temos que lidar com essas estatísticas burguesas, uma vez que estatísticas melhores dificilmente existem. E apesar de todas as suas fraquezas, mesmo essas estatísticas burguesas nos ajudam a dar uma imagem das várias formas da super-exploração imperialista dos países semicoloniais.

Como mais tarde mostraremos mais detalhadamente, a exploração imperialista dos países semicoloniais pode ser dividida amplamente em quatro categorias:

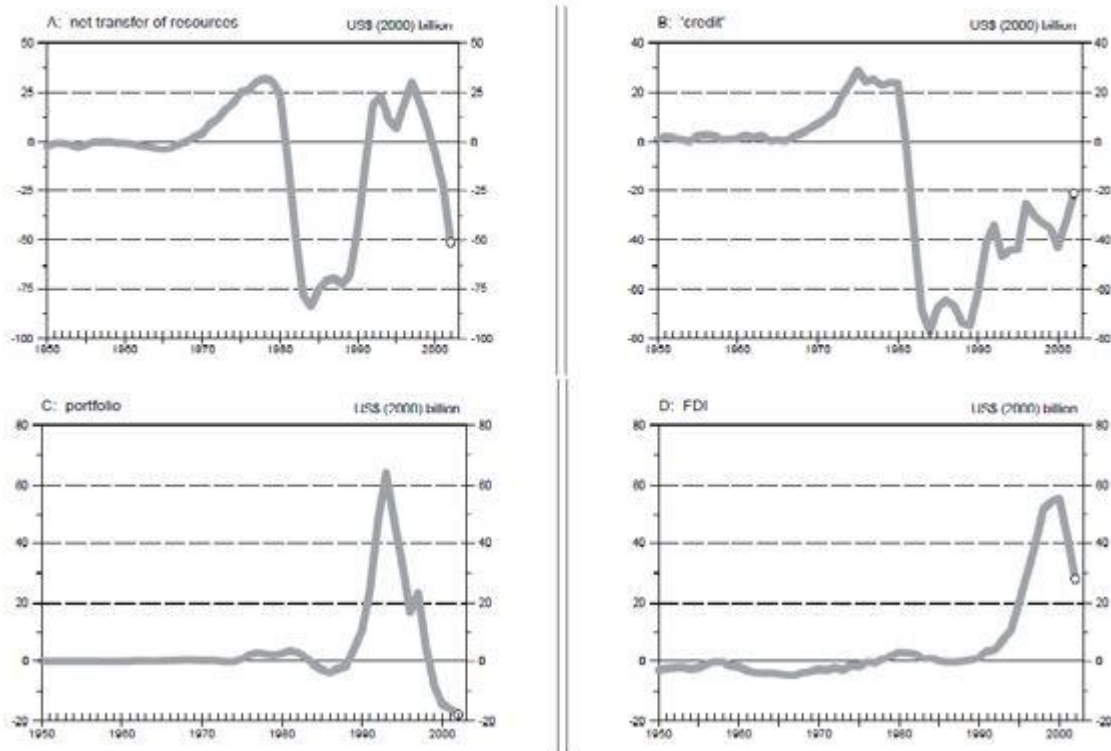
- i) Lucros extras via exportação de capital como investimento produtivo
- ii) Lucros extras via exportação de capital como capital (empréstimos, reservas cambiais, especulação etc.)
- iii) Transferência de valor via câmbio desigual
- iv) Transferência de valor via migração, ou seja, a importação de mão-de-obra relativamente mais barata para as metrópoles imperialistas das semicolônias

Uma visão geral sobre a transferência financeira líquida

Em um trabalho publicado pelo FMI, dois acadêmicos burgueses latino-americanos, um deles ex-ministro das Finanças na Colômbia, produziram um quadro interessante que mostrou a transferência líquida de recursos financeiros da América Latina entre 1950 e 2002. Como se pode ver, embora tenha havido movimentos cíclicos, em resumo houve uma saída de recursos financeiros da América Latina para as metrópoles imperialistas. (ver Figura 30)

Figura 30: América Latina: Transferência Líquida de Recursos e sua Composição, 1950-2002 ¹

Figure 30: Latin America: Net Transfer of Resources and its Composition, 1950-2002 ²⁰⁵

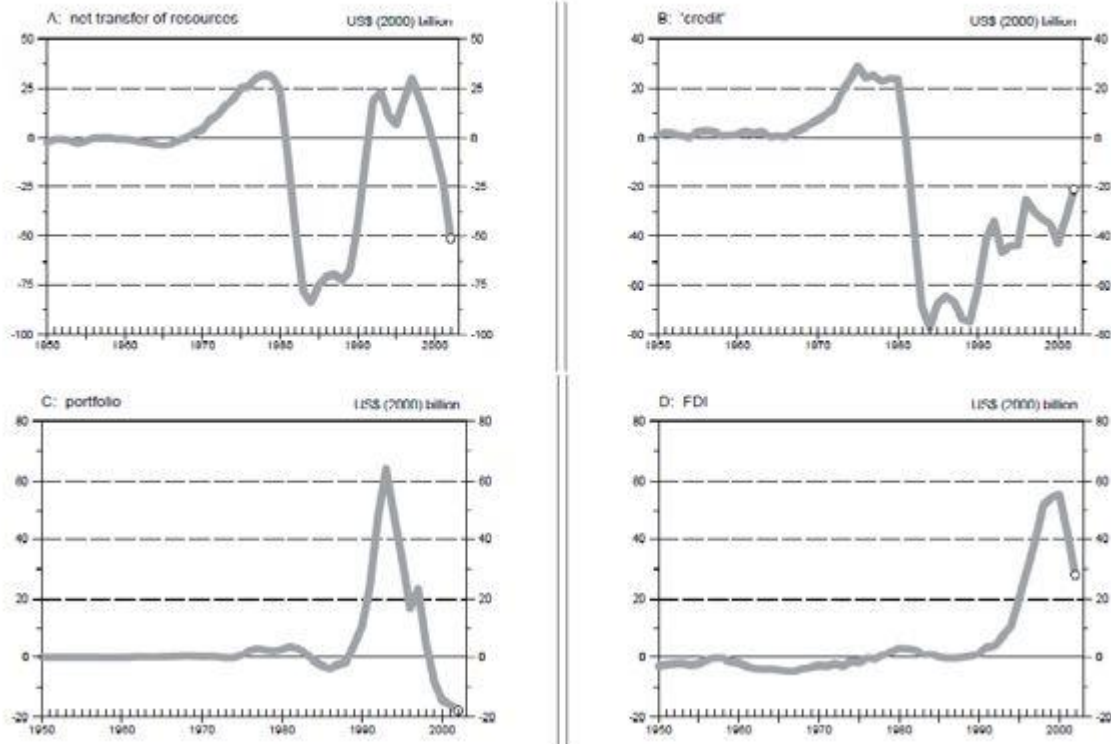


Pierre Jalée, um economista marxista francês, concluiu em 1965 em um livro sobre a super-exploração imperialista do mundo semicolonial que "a exploração imperialista dos países do Terceiro Mundo não só continuou na era da descolonização política, mas até aumentou". ²

A Organização Mundial da Saúde (OMS), órgão da ONU, relatou as perdas financeiras dos países semicoloniais durante a década de 1980. Como a Figura 31 mostra quase todos os anos neste período tem sido de perdas.

Figura 31: Transferência Financeira Líquida das Semicolônias para Metrôpoles, 1980-1990 3

Figure 30: Latin America: Net Transfer of Resources and its Composition, 1950-2002 ²⁰⁵



O então presidente da *Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina e o Caribe (CEPAL)*, Ortiz Mena, calculou que somente no curto período entre 1982 e 1985, uma transferência líquida de cerca de US \$ 100 bilhões por repatriação de lucros, serviço de dívida etc. ocorreu do Terceiro Mundo para as metrôpoles imperialistas. 4

Qual é a extensão do roubo imperialista em relação às economias nacionais dos países semicoloniais? É claro que isso não é fácil de calcular, mas houve várias tentativas de dar uma visão geral abrangente. No início da década de 1960, Andre Gunder Frank mostrou a quantidade de transferência de valor do Sul para o Norte. Segundo ele, os países latino-americanos tiveram que pagar no início da década de 1960 61,5% de sua receita cambial para pagamentos de juros, pagamento de dívidas, pagamentos para transporte de commodities de exportação por transporte de transporte etc. Isso equivaliu a US\$ 6 bilhões ou o equivalente a 7% do Produto Interno Bruto da América Latina. Se soma a isso a deterioração dos termos de comércio (equivalente a 3% do PIB dos continentes) chega-se à conclusão de que no início da década de 1960 os monopólios imperialistas roubaram da América Latina 1/10 de sua produção econômica. 5

Os acadêmicos Vincent Ferraro e Melissa Rosser publicaram um estudo sobre essas proporções da transferência de recursos financeiros que resultou apenas do serviço da dívida para os bancos imperialistas e instituições financeiras. Segundo eles, as nações semicoloniais perderam na década de 1980 a cada ano 3% de seu Produto Interno Bruto desta maneira:

"O primeiro, e mais devastador, efeito da crise da dívida foi, e continua sendo, as saídas significativas de capital para financiar a dívida. De acordo com o Banco Mundial: "Antes de 1982, os países altamente endividados recebiam cerca de 2% do PIB por ano em recursos do exterior; desde então, eles transferiram cerca de 3% do PIB por ano na direção oposta. Em 1988, os países mais pobres do mundo enviaram cerca de US\$ 50 bilhões aos países ricos, e o total acumulado dessas transferências desde 1984 é de quase US\$ 120 bilhões." 6

Uma constatação ainda mais interessante foi fornecida pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Em seu Relatório de Desenvolvimento Humano, em 1992, eles apresentaram um cálculo sobre o que chamaram de "*custo dos mercados globais para os países em desenvolvimento*". Embora isso tenha que ser visto com toda a reserva necessária para estatísticas burgueses, seus números são, no entanto, indicativos e dão uma impressão do enorme saque imperialista. Eles mostram que o mundo semicolonial perde um quinto (!) de todo o seu produto nacional a cada ano!

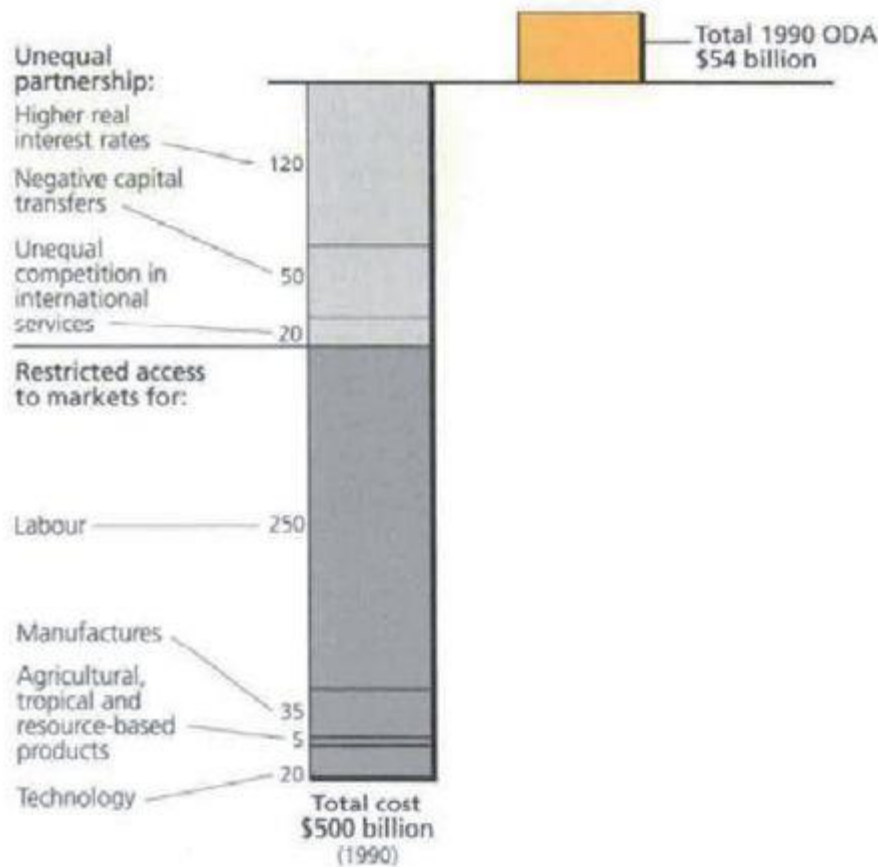
"No geral, o custo dos mercados globais para os países em desenvolvimento pode ser amplamente estimado em US\$ 500 bilhões por ano. Essas perdas de US\$ 500 bilhões constituem cerca de 20% da renda nacional bruta somados dos países em desenvolvimento e cerca de sete vezes seus gastos atuais em prioridades de desenvolvimento humano." 7

Como mostra a figura 32 a seguir, esses números da ONU são úteis, uma vez que tentam integrar as várias formas pelas quais os imperialistas saqueiam o mundo semicolonial. Como nota lateral, observamos que exatamente por essa razão dificilmente se pode encontrar tais cálculos em relatórios oficiais burgueses. No entanto, eles fornecem cálculos com relação às perdas através de taxas de juros mais altas, transferência de capital, concorrência desigual e o acesso restrito aos mercados por leis imperialistas.

Figura 32: "Custos do Mercado Global para Países em Desenvolvimento" (ONU) em 1990 (em Dólares Americanos) 8

Tradução: **unequal partnership**=parceria desigual / **higher real interest rates**=taxas de juros reais mais altas / **negative capital transfers**=transferências de capital negativas / **unequal competition in international services**=competição desigual em serviços internacionais / **restrict access to market for**=acesso restrito ao mercado para / **labour**=trabalho/ **manufactures**=manufaturas/ **agricultural**=agricultura, /**tropical and resource-based products/technology**=produtos tropicais baseados em recursos e tecnologia agrícolas

Figure 32: "Costs of the Global Market to Developing Countries" (UN) in 1990 (in US-Dollars) ²⁰⁹



Esses cálculos da ONU estão próximos dos resultados publicados em um estudo de economistas da Alemanha Oriental no final da década de 1980 sobre as relações entre os monopólios e o mundo semicolonial. Eles resumiram o resultado de sua pesquisa:

"No momento, os monopólios internacionais e os Estados imperialistas se apropriam dos países em desenvolvimento com um valor de mais de US\$ 400 bilhões por ano, o que equivale a um quarto da renda nacional que os países em desenvolvimento produzem. (...) No início da década de 1980, a renda derivada da exploração dos países em desenvolvimento era de cerca de metade dos investimentos produtivos de todos os países industriais capitalistas." ⁹

Esses números mostram o enorme impacto do estrangulamento imperialista nos países semicoloniais. Os imperialistas saqueiam um quarto da renda nacional do Sul. Isso permitiu que os monopólios imperialistas financiassem metade de seus investimentos produtivos por essa super-exploração.

Infelizmente, não possuímos estudos semelhantes para o desenvolvimento desta enorme transferência líquida financeira das semicolônias para os centros imperialistas nas últimas duas

décadas. No entanto, há uma série de estatísticas sobre formas específicas da super-exploração imperialista que deixam bem claro que este saque se acelerou massivamente desde então.

O autor deste livro apresentou cálculos baseados nos relatórios anuais da ONU *World Economic Situation and Prospect* sobre as "transferências de recursos financeiros para economias em desenvolvimento e economias em transição" em várias publicações desde 2007. ¹⁰ Estes números da ONU demonstram acima de qualquer dúvida a massiva aceleração do saque imperialista nas últimas duas décadas. Por exemplo, enquanto os países semicoloniais perderam dois bilhões de dólares em 1997, esse número subiu para 1.013 bilhões de dólares americanos em 2011! Por razões de espaço não podemos dar os números para cada ano em nossa Tabela 22 (ver também Figura 33). Mas adicionamos os números de todos os anos desde 1995 em nosso cálculo total abaixo.

Tabela 22: Transferências Líquidas de Recursos Financeiros para Países em Desenvolvimento e antigos Países estalinistas, 1995-2011 (em Bilhões de Dólares) ¹¹

Africa oriental/Sul da Ásia/ Oeste da Ásia/América Latina/

Developing countries= *países em desenvolvimento*/ **former stalinists countries**=*países de regime ex-stalinistas*

Table 22: Net Transfers of Financial Resources to Developing Countries and former Stalinist Countries, 1995-2011 (in Billion US-Dollars) ²¹³

	1995	1999	2003	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Africa East & South	5.7	1.6	-16.1	-76.4	-108.3	-100.9	-99.1	2.9	-33.1	-68.3
Asia	21.3	-139.8	-175.6	-265.7	-385.7	-529.8	-481.3	-427.5	-452.8	-501.5
West Asia	23.0	2.7	-46.7	-143.7	-175.6	-144.0	-222.5	-48.4	-120.0	-203.0
Latin America	-0.6	7.4	-64.3	-111.4	-138.0	-106.4	-73.5	-72.1	-53.9	-53.8
Developing Countries total	49.5	-128.0	-302.7	-597.2	-807.8	-881.1	-876.4	-545.1	-659.8	-826.6
Former Stalinist Countries	-7.6	-25.1	-38.0	-96.0	-117.1	-95.9	-149.1	-81.1	-135.0	-186.5
Developing Countries and Former Stalinist Countries total	41.9	-151.1	-340.7	-693.2	-924.9	-977.0	-1025.5	-626.2	-794.8	-1013.1

Somados em conjunto, de acordo com as estatísticas das Nações Unidas, uma transferência líquida de US\$ 7.658 bilhões dos países semicoloniais para os centros imperialistas ocorreu apenas no período de 1995 a 2011. Deve-se notar que este valor não representa todo o lucro do capital imperialista. Uma boa parte da qual foi consumida no próprio país ou entrou na acumulação de capital dos monopólios imperialistas para garantir mais lucros. De acordo com um recente relatório da UNCTAD, por exemplo, as corporações multinacionais retêm 40% de seu lucro nas semicolônias. *"No entanto, nem todos os ganhos reinvestidos são realmente reinvestidos em capacidade produtiva. Eles podem ser deixados de lado para aguardar melhores oportunidades de investimento no futuro, ou para financiar outras atividades, incluindo aquelas que são especulativas. Cerca de 40% da renda do Investimento Estrangeiro Direto (IED) foi mantida como lucro reinvestido."* ¹² E, finalmente, nossos cálculos também não lidam com o excedente que os imperialistas ganham através da troca desigual. Reflete exclusivamente a soma que foi saqueada diretamente do mundo semicolonial.

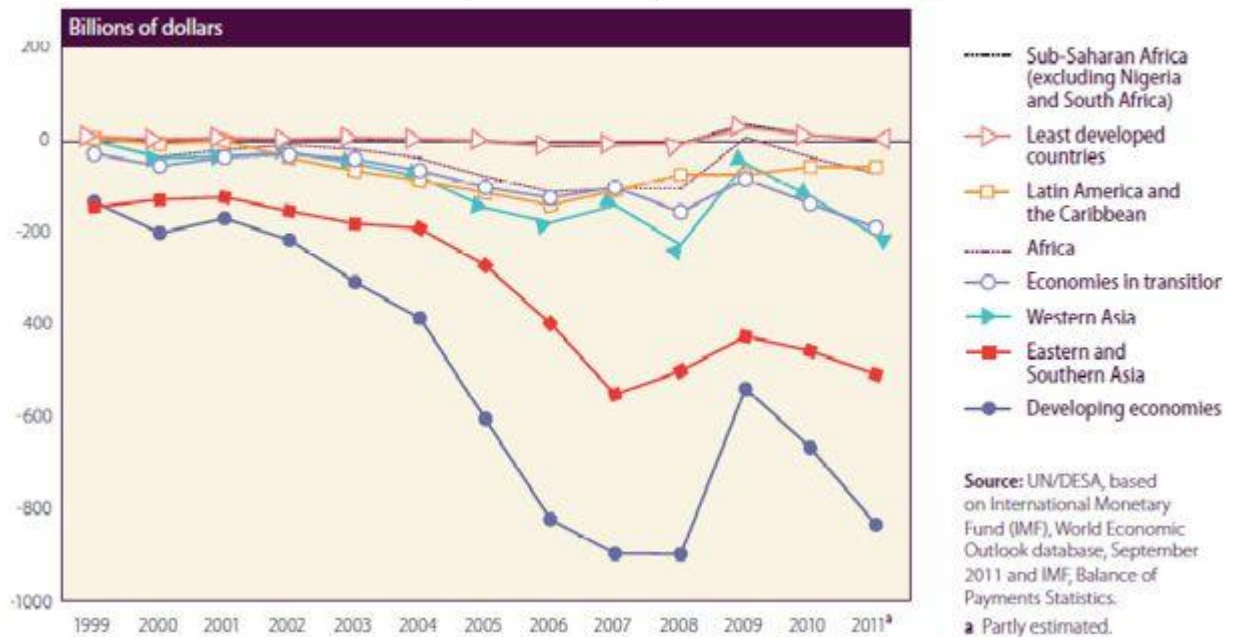
Para ser mais preciso, representa apenas os números oficialmente relatados. Deixando de lado a fuga de capital ilegal (mais sobre isso abaixo) há também muitas outras maneiras de esconder o saque imperialista. Paulo Nakatani e Rémy Herera relataram, por exemplo, no *Us Journal Monthly Review* sobre as modificações no serviço de dívida que dificultam cada vez mais os cálculos exatos:

"Nos últimos anos, no contexto de crescente integração de mercado e desregulamentação dos movimentos de capitais, houve uma transformação geral das dívidas com títulos no mercado financeiro e a conversão de dívidas externas em dívidas internas. Essa evolução gradual, que ainda está em curso, esconde alguns efeitos perversos, em particular que as taxas de juros são muitas vezes mais elevadas sobre a dívida interna. A redução dos pagamentos de serviços da dívida externa dificulta o cálculo exato do tamanho do dreno associado à dívida externa. Isso só complica e piora ainda mais uma situação em que a transferência de excedentes de Sul para Norte continua se operando através de uma miríade de canais, como a repatriação de lucros sobre investimento estrangeiro direto, lucros na reavaliação de títulos registrados como investimentos em carteira em saldo de pagamentos, e outras formas de câmbio desigual." ¹³

Figura 33: Transferências Líquidas de Recursos Financeiros para Economias em Desenvolvimento e Economias em Transição, 1999-2011 (em Bilhões de Dólares) ¹⁴

Africa sub-sahariana(exceção Nigéria e África do Sul/Least **developed countries**= *Países menos desenvolvidos*/ América Latina e Caribe/ **Economies in transition**= *economias em transição*/ **Western Africa**= *Africa ocidental*/ **Eastern and Southern Asia**=*Sul e Leste da Ásia* = **developing economy**= *Economias em desenvolvimento*

Figure 33: Net Transfers of Financial Resources to Developing Economies and Economies in Transition, 1999-2011 (in Billion Dollars) ²¹⁶



Como os números mostram a maior parte dos lucros-extras imperialistas vem do maior continente, Ásia, e mais especificamente dos países mais industrializados do Sul. Como a ONU observou:

"A maioria das transferências líquidas de países em desenvolvimento para países desenvolvidos foram de países de renda média alta. As saídas líquidas de países de renda média alta aumentaram de US\$ 85 bilhões em 2010, para US\$ 580 bilhões, refletindo o contínuo acúmulo de reservas nesses países. As saídas líquidas de países de renda média mais baixa aumentaram para US\$ 40 bilhões em 2011, quase dobrando os níveis de 2010. No entanto, os países de renda média mais baixa recebem entradas líquidas de US\$ 36 bilhões, representando um ligeiro aumento nas entradas a partir de 2010. Assim, em 2011, o padrão pré-crise retornou; Os países de renda média alta transferiram recursos significativos para nações mais ricas, enquanto continuavam com o acúmulo de reservas cambiais como autoproteção contra novos choques econômicos globais, enquanto os países mais pobres continuavam a ter transferências líquidas positivas, embora em um nível baixo em comparação com os fluxos globais totais." ¹⁵

Isso mostra que a industrialização do chamado Terceiro Mundo não levou a uma redução da super-exploração imperialista, mas sim a um aumento. No entanto, temos de fazer uma nota importante sobre esses números: as classificações das Nações Unidas dos países diferem naturalmente de uma abordagem marxista. Por isso, as categorias "desenvolvidas" e "em desenvolvimento" não são idênticas às nossas categorias países "imperialistas" e "semicoloniais". As estatísticas da ONU incluem países semicoloniais na categoria dos "países desenvolvidos" como a Irlanda, a Grécia e a maioria dos países do Leste Europeu. Por outro lado, colocaram estados imperialistas emergentes (China e

Rússia) na categoria dos "países em desenvolvimento". A categoria da ONU "países de renda média alta" representa 42 países, incluindo China e Rússia, mas – paradoxalmente – exceto Hong Kong, que está na categoria de "países de alta renda". É difícil encontrar palavras para tal absurdo onde duas partes de um e do mesmo país são classificadas em duas categorias econômicas diferentes. 16 Por todas essas razões, os números da ONU incluem distorções importantes. No entanto, são uma indicação do processo que é característico da economia mundial há décadas.

No artigo da *Monthly Review* mencionado acima, Paulo Nakatani e Rémy Herera calculam que, apenas pagando as dívidas aos tubarões imperialistas, as semicolônias perderam cerca de 1/27 de seu produto nacional anual na década de 1980 e essa perda subiu para 1/16 de sua produção anual no período 1997-2006.

"O pagamento da dívida internacional constitui uma das formas de transferência do excedente produzido pelos países do Sul para o Norte — e do superávit produzido pelos trabalhadores do Sul para os capitalistas de seus próprios países e para os do Norte. Isso tende a aumentar a taxa de exploração da força de trabalho no Sul. Dessa forma, os países em desenvolvimento e as economias de "mercados emergentes" transferiram aos seus credores uma média anual de 3,68% de seu PIB durante a década seguinte à crise da dívida (1980-89). Nos últimos dez anos (1997-2006), marcado por uma série de crises financeiras e uma crescente polarização do sistema mundial capitalista, essa transferência subiu para 6,2% do PIB." 17

Alguns autores fizeram a interessante comparação histórica do saque imperialista das semicolônias nas últimas décadas com o saque feito sobre Alemanha após a Primeira Guerra Mundial. Um estudo comparou a parte da produção anual que a América Latina perdeu no passado recente com a Alemanha após 1919 e chegou à conclusão de que a América Latina perdeu ainda mais – sem qualquer tratado de guerra ou roubo- como foi obviamente o Tratado de Versalhes.

"é um fato um pouco reconhecido que, como parte do PIB, a transferência líquida negativa de recursos financeiros da América Latina foi ainda maior do que sofreu Alemanha após a Primeira Guerra Mundial." 18

Finalmente mostramos o quão correta é a ênfase de Lênin é que a divisão do mundo em nações opressoras e oprimidas é central para o imperialismo. De fato, a diferença econômica entre os países vem aumentando ao longo do tempo. A ONG britânica *Oxfam* comentou os resultados do estudo: *"em 1820, apenas um décimo da diferença de renda entre todos os indivíduos no mundo deveu-se a diferenças na renda média entre os países. Hoje, 60% da desigualdade global é atribuída às diferenças de renda entre os países. Fronteiras importam mais hoje do que nunca."* 19

Outro estudo de dois acadêmicos François Bourguignon e Christian Morrisson conclui: *"esta análise mostra que a desigualdade de renda mundial piorou drasticamente nos últimos dois séculos. O coeficiente de Gini aumentou 30% e o índice de Theil 60% entre 1820 e 1992. Essa evolução deveu-se principalmente a um aumento dramático da desigualdade entre países ou regiões do mundo. O componente "entre" o índice Theil passou de 0,06 em 1820 para mais de 0,50 em 1992. As mudanças na desigualdade nos países foram importantes em alguns períodos, principalmente a queda da desigualdade nos países europeus e seus desdobramentos na América e no Pacífico durante a primeira metade do século XX. No longo prazo, no entanto,*

o aumento da desigualdade entre os países foi o principal fator na evolução da distribuição mundial de renda."

20

Importância das Matérias-Primas e dos Alimentos

Mostramos a enorme transferência financeira líquida que os centros imperialistas exploram das semicolônias. Vamos agora olhar brevemente para outra área onde a dependência dos países imperialistas do chamado Terceiro Mundo é evidente: agricultura e matérias-primas.

Já nas décadas de 1950 e 1960, os países semicoloniais foram uma importante fonte para as importações agrícolas e de matérias-primas dos países imperialistas. Em 1969, Pierre Jalée forneceu uma lista que mostrava a dependência do mundo imperialista em matérias-primas e importações de alimentos das semicolônias. 21 De acordo com sua lista mostrada abaixo, os países imperialistas importaram do chamado Terceiro Mundo:

** a maioria dos produtos de gordura e commodities de borracha*

** todo o cacau*

** metade de sua demanda por petróleo cobrindo 19% de todo o consumo de energia dos países imperialistas*

** 1/3 da demanda por minério de ferro*

** 4/5 de toda a sua demanda por manganês e minério cromado*

** mais de 3/4 de sua demanda por cobalto*

** quase toda a sua demanda de estanho*

** 40% de sua demanda por cobre*

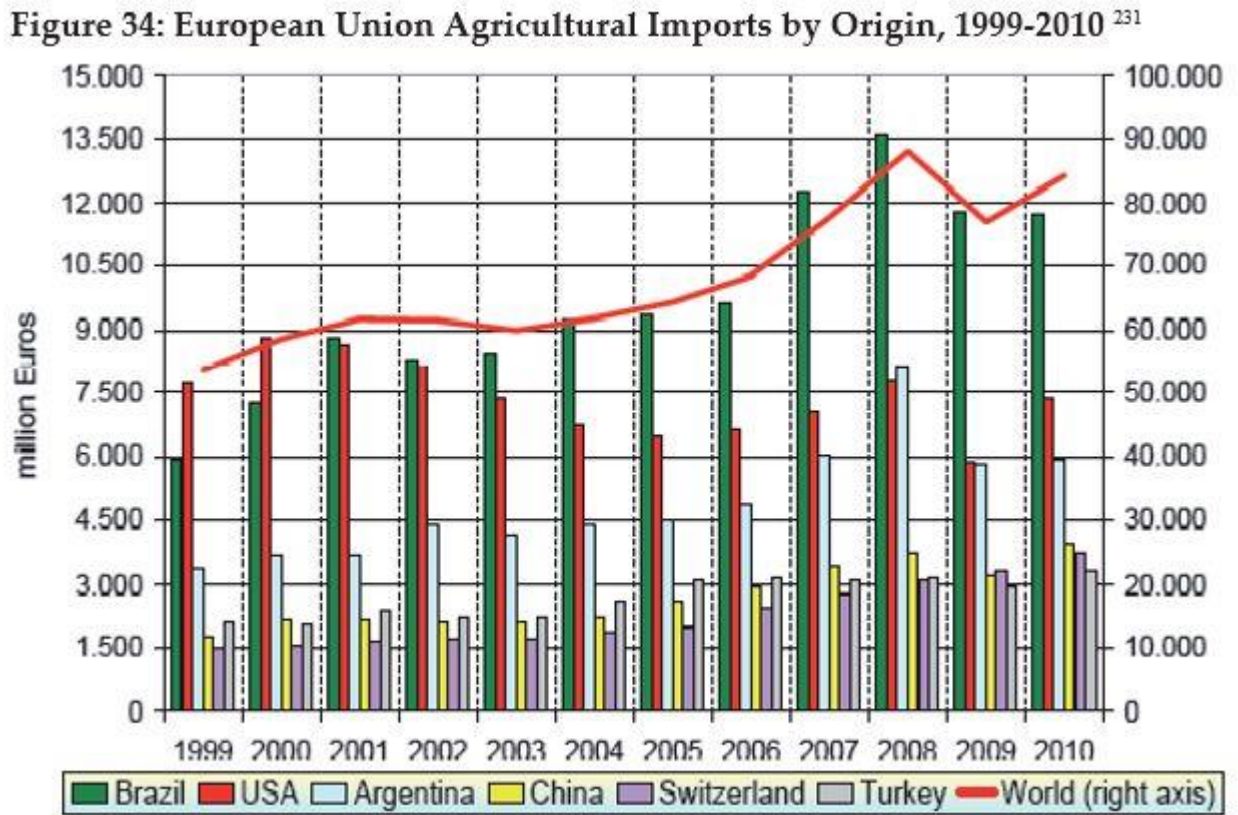
** 2/3 de sua demanda por bauxita*

Se olharmos para a estrutura de importação dos países imperialistas hoje, ainda há uma forte dependência das importações semicoloniais. A União Europeia, por exemplo, é o maior importador agrícola do mundo. Importa commodities agrícolas no valor de € 83 bilhões (o que representa cerca de 19% das importações globais neste setor). O valor das importações agrícolas dos EUA foi de 65 bilhões de euros. 22

De acordo com um relatório da Comissão Europeia, mais de 70% das importações agrícolas da UE são originárias dos chamados países em desenvolvimento. (ver Figura 34) É claro que esta categoria inclui também a potência imperialista emergente china, que representa cerca de 5% das importações

da UE. Os EUA recebem cerca de 50% de suas importações agrícolas dos países em desenvolvimento. 23

Figura 34: Importações agrícolas da união europeia por origem, 1999-2010 24



Brasil/EUA/Argentina/China/Suíça/Turquia/mundo

As importações de matérias-primas (incluindo energia) representam aproximadamente um terço das importações da UE. 25 A UE é o maior importador mundial de recursos naturais, respondendo por 23% das importações globais de recursos naturais. Ao todo, entre 70 e 80% dos recursos primários são importados. 26

Neste contexto, temos de chamar a atenção para o fato de que as economias imperialistas são particularmente dependentes das importações em áreas estrategicamente importantes, como metais específicos e raros, que são necessárias nos setores de alta tecnologia. Segundo o pesquisador da ONG, Thomas Lazzeri, "a taxa de dependência de importação da UE para minerais varia de 46% para cromo, 54% para minério de cobre, 95% para bauxita a 100% para materiais como cobalto, platina, titânio e vanádio".

A classe dominante está ciente dos potenciais problemas estratégicos dessa dependência. A Comissão Europeia afirma em um relatório recente: "*As 14 matérias-primas listadas abaixo são críticas porque os riscos de escassez de oferta e seus impactos na economia são maiores em comparação com a maioria das outras matérias-primas. Seu alto risco de oferta deve-se principalmente ao fato de que uma alta parcela da produção mundial vem principalmente de um punhado de países.*" 28

Para enfrentar este problema, os imperialistas europeus organizaram a chamada "Iniciativa matéria-prima."

Resumindo, só podemos concordar com a conclusão que Pierre Jalée desenhou em 1969: "*A economia dos países imperialistas quebraria sem as importações do Terceiro Mundo: suas mercadorias são essenciais para a existência do imperialismo*". 29

Na verdade, os líderes imperialistas reconheceram a importância da super-exploração sobre Sul para manter relativa paz social ao Norte e particularmente para manter a existência da aristocracia trabalhista. Winston Churchill, como Chanceler do Tesouro, argumentou em 1929 que o imperialismo era a base indispensável para a manutenção dos serviços sociais. Ele disse em seu discurso orçamentário em 15 de abril de 1929:

"A renda que obtemos a cada ano de comissões e serviços prestados a países estrangeiros é superior a 65 milhões de libras. Além disso, temos uma receita constante de investimentos estrangeiros próximos a £300 milhões por ano... essa é a explicação da fonte da qual somos capazes de custear os serviços sociais em um nível incomparavelmente maior do que o de qualquer país europeu ou de qualquer país."

E Ernest Bevin, como Ministro das Relações Exteriores do Trabalho após a Segunda Guerra Mundial, viu o Império Britânico como indispensável à vida dos eleitores trabalhistas, como ele disse em um discurso na Câmara dos Comuns em 23 de fevereiro de 1946:

"Não estou preparado para sacrificar o Império Britânico porque sei que se o Império Britânico caísse... isso significaria que o padrão de vida de nossos eleitores cairia consideravelmente. 30

Dado todos esses fatos indiscutíveis da super-exploração imperialista, é um embelezamento distorcido com relação ao imperialismo do mundo real quando os líderes centristas do IST dizem – como vimos na citação acima: "*Não faz sentido ver os países avançados como 'parasitas', vivendo do antigo mundo colonial. Também não faz sentido ver os trabalhadores no Ocidente ganhando com a 'super exploração' no Terceiro Mundo.*" Isso nada mais é do que um mascaramento sobre o fato de que a super-exploração do mundo semicolonial é uma grande fonte de monopólio extra-lucros e, portanto, para o subornar a pequena camada superior da classe trabalhadora, a aristocracia trabalhista. Esses centristas negam essa realidade, afirmam que o imperialismo não é tão ruim, e fazem isso porque buscam justificativas ideológicas para sua recusa em travar uma luta revolucionária consistente contra o imperialismo e os preconceitos políticos da aristocracia trabalhista.

O Papel da exportação de capital imperialista para o mundo semicolonial

Teóricos centristas como Callinicos, Harman ou Rees banalizam a importância da exportação de capital imperialista para os países semicoloniais. 31 Alegam que após a Segunda Guerra Mundial os chamados países em desenvolvimento perderam em importância para as metrópoles imperialistas. Vamos primeiro olhar para os desenvolvimentos reais citando uma série de fatos e, em seguida, vamos refutar os argumentos de nossos oponentes centristas.

Antes de fazer isso, temos que fazer a seguinte observação: As estatísticas desta seção tratam principalmente do que os economistas burgueses chamam de "Investimento Estrangeiro Direto" (IED). No entanto, é necessário notar que o IED não abrange toda a exportação de capital, mas apenas uma fração. Por exemplo, empréstimos, vários investimentos em carteira, auxílios oficiais etc não estão cobertos por isso. Economistas estimam que o IED representa apenas cerca de 25% do investimento total na produção no exterior. 32

Como mostramos acima os teóricos adeptos Tony Cliff relativizam a importância da exportação de capital para as colônias e semicolônias, mesmo para o período em que Lênin e Trotsky estavam vivos. No entanto, isso está em desacordo com a verdade histórica. Angus Maddison reproduz em números de sua principal obra sobre exportação de capital para os anos de 1914 e 1938, ou seja, antes do início das duas Guerras Mundiais. Eles (os números) mostram que quase metade do capital total exportado foi para os países coloniais e semicoloniais. (ver Tabela 23).

Tabela 23: Valor Nominal Bruto do Capital Investido no Exterior em 1914 e 1938 (em Milhões de Dólares a taxas de câmbio atuais e como percentual do total) 33

Áreas of destination= áreas de destino/ advanced capitalists nations=nações capitalistas avançadas/ Colonial and semicolonial countries= Países coloniais e semicoloniais

Table 23: Gross Nominal Value of Capital Invested Abroad in 1914 and 1938 (in Million US-Dollar at current exchange rates and as percent of total) ²³⁵

<i>Areas of Destination</i>	<i>1914</i>		<i>1938</i>	
	<i>in Millions</i>	<i>percent</i>	<i>in Millions</i>	<i>percent</i>
Advanced Capitalist Nations	24.617	56.2%	22.266	50.6%
Colonial and Semi-colonial	19.154	43.8%	20.925	47.6%

Esta é uma participação desproporcional e extremamente alta, particularmente se se lembrarmos do baixo desenvolvimento do capitalismo no mundo colonial naquela época. Assim, o mundo

semicolonial abrigava quase metade de todo o capital exportado, enquanto produzia apenas 8,3% da produção mundial de manufatura em 1938.

No período após a Segunda Guerra Mundial, os países semicoloniais perderam em importância até certo ponto. Isso fica evidente se olharmos para o desenvolvimento da direção de exportação de capital dos EUA e da Alemanha nas décadas de 1950 e 1960. A participação do investimento estrangeiro direto que foi para o chamado Terceiro Mundo caiu de 51% para 31%, respectivamente, de 35% para 29%. (Ver Tabelas 24, 25 e 26)

Tabela 24: Distribuição do Investimento Estrangeiro Direto Privado dos EUA, 1950-1975 (em %) 34

Western Europe=*Europa Ocidental*/ **Canadá/Other imperialists countries**= *Outros países imperialistas*/**developing countries**= *Países em desenvolvimento*

Table 24: Distribution of US Private Foreign Direct Investment, 1950-1975 (in %) ²³⁶

	1950	1960	1975
Western Europe	14.4%	21%	37.2%
Canada	30.5%	35.2%	23.3%
Other imperialist countries	3.5%	4.6%	7.9%
Developing countries	51.6%	39.2%	31.6%

Tabela 25: Distribuição do Investimento Estrangeiro Direto Privado da Alemanha Ocidental, 1960-1975 (em %) 35

European Economic Community= *Comunidade Econômica Europeia*

Table 25: Distribution of Western German Private Foreign Direct Investment, 1960-1975 (in %) ²³⁷

	1960	1971	1975
European Economic Community	10.2%	30.9%	35.3%
Other imperialist countries	54.6%	41%	35.4%
Developing countries	35.2%	28.1%	29.3%

Tabela 26: Distribuição Geográfica de Investimentos Estrangeiros Diretos da Europa Ocidental, EUA e Japão, 1975 (em %) 36

Table 26: Geographical Distribution of Foreign Direct Investments of Western Europe, USA and Japan, 1975 (in %) ²³⁸

<i>Capital importing countries</i>	<i>Capital exporting countries</i>		
	Western Europe	USA	Japan
<i>Western Europe</i>	35.0%	37.3%	15.8%
<i>USA</i>	16.6%	-	21.5%
<i>Japan</i>	1.2%	2.5%	-
<i>Other imperialist countries</i>	17.2%	28.6%	7.7%
<i>Developing countries</i>	30.0%	31.6%	55.0%

Quais foram as principais razões para esse desenvolvimento? Havia vários. Em primeiro lugar, a Segunda Guerra Mundial imperialista (além das consequências da Primeira Guerra Mundial e da Grande Depressão a partir de 1929) levou a uma destruição massiva de capital em importantes centros imperialistas (Europa e Japão). De fato, essas destruições foram o fator mais importante para o chamado "Milagre Econômico", ou seja, o Longo Boom nas décadas de 1950 e 1960. ³⁷ Como resultado, o enorme capital – em particular da principal potência capitalista, os EUA – se dirigiu para a Europa e o Japão para reconstruir a economia.

Neste contexto, é importante ter em mente que a exportação de capital não é exportação de capital. Como mostraremos mais tarde, o propósito da exportação de capital de um país imperialista para outro é, muitas vezes, assumir uma empresa rival. Em outras palavras, é motivado pela rivalidade aguçada entre os monopólios. A exportação de capital imperialista para os países semicoloniais é significativamente motivada pela oportunidade de construir novos investimentos para a produção de lucro suplementar.

Além disso, no período após a Segunda Guerra Mundial, houve uma série de lutas de libertação anti-colonial que foram até certo ponto bem sucedidas e levaram à criação de estados formalmente independentes e semicoloniais. Dado o pano de fundo neste período – a expansão dos estados operários degenerados estalinistas e a Guerra Fria – a burguesia semicolonial tinha um certo grau de espaço para manobras. Isso resultou em nacionalização parcial de empresas imperialistas, tarifas mais elevadas (Industrialização De importação-substituição) etc. Como resultado, o ambiente para os monopólios imperialistas investirem nesses países tornou-se menos favorável e mais inseguro.

No entanto, este foi apenas um fenômeno temporário como podemos ver na tabela 27 e como irá elaborar mais tarde em detalhes. ³⁸

Tabela 27: Valor Bruto do Capital Estrangeiro nos Países em Desenvolvimento 1870-1998 (em bilhões de dólares americanos e por cento) ³⁹

Total in 1990 prices= *preços totais em 1990/ stock as percent of developing country GDP*=*índice como percentual do PIB do país em desenvolvimento*

Table 27: Gross Value of Foreign Capital in Developing Countries 1870-1998 (in Billion US-Dollars and percent) ²⁴¹

	<i>1870</i>	<i>1914</i>	<i>1950</i>	<i>1973</i>	<i>1998</i>
Total in 1990 Prices	40.1	235.4	63.2	495.2	3030.7
Stock as percent of Developing Country GDP	8.6%	32.4%	4.4%	10.9%	21.7%

E em segundo lugar, apesar de todas essas circunstâncias específicas, a exportação de capital imperialista para o mundo semicolonial ainda desempenhava um papel importante para a criação de lucros extras. A participação dos países semicoloniais como destino para os monopólios de exportação de capital sempre foi maior do que sua participação na economia mundial – mesmo nas décadas de 1950 e 1960.

Por exemplo: Em 1965, o Terceiro Mundo tinha um Produto Social Bruto de US\$ 230 bilhões, enquanto o Produto Social Bruto Mundial girava em torno de US\$ 2.000 bilhões. Isso significa que as semicolônias tiveram uma participação de 11,5% do produto global. No entanto, um terço do investimento estrangeiro total foi para o Sul. 40 Outra indicação disso é o fato de que já no início da década de 1990, quando a globalização ainda estava em estágio inicial, já 1/3 dos 6 milhões de trabalhadores empregados pelas multinacionais americanas no exterior estavam nos países em desenvolvimento. 41

Assim, vemos que o capital monopolista direcionou seu investimento estrangeiro muito mais para os países semicoloniais do que o seu peso na economia mundial sugeriria. Qual foi a razão disso? Foi obviamente – e vamos provar isso mais tarde com os números – que nesses condados os capitalistas monopolistas podem esperar uma taxa média de lucro mais alta.

Além disso, deve-se lembrar que o capital do monopólio imperialista sempre teve um papel decisivo nas economias semicoloniais. Isso não é verdade apenas para o período de globalização, quando a exportação de capital para o Sul acelerou, mas já nas décadas de 1950 e 1960. Um estudo do México no início da década de 1960 mostrou que das 100 grandes empresas, 56 eram controladas por proprietários estrangeiros ou tinham uma grande parte do capital estrangeiro. Em 1970 – segundo outro estudo – 45,4% das 290 maiores empresas manufatureira estavam em mãos estrangeiras. Dados do Brasil na década de 1960 demonstram que houve dominância semelhante: 31 das 50 maiores empresas privadas eram controladas pelo capital imperialista. Das 276 grandes empresas, mais da metade era controlada por proprietários estrangeiros. 42

Nas décadas de 1950 e 1960 – ou seja, os anos em que os países do Terceiro Mundo se tornaram estados capitalistas independentes perdendo qualquer caráter colonial de acordo com os teóricos centristas do SWP/IST et al. – as semicolônias tiveram que pagar uma proporção crescente de sua renda aos imperialistas. Os países latino-americanos tiveram que pagar 7,2% do valor das exportações para o atendimento de suas dívidas externas em 1950-54. Em 1965-69, essa proporção cresceu para 23,8% enquanto no mesmo período o serviço de investimento privado passou de 11,3 para 13,2%. 43

Nas tabelas a seguir, damos uma visão geral de como o investimento estrangeiro direto se desenvolveu nas últimas três décadas. (Ver Tabelas 28, 29 e 30, bem como Figura 35)

Tabela 28: Distribuição Geográfica das Ações de Investimento Estrangeiro Direto(IED) Interno, 1967-1997 (em porcentagem) 44

Table 28: Geographical Distribution of Inward Foreign Direct Investments Stock, 1967-1997 (in percent) ²⁴⁶

	<i>Developed Countries</i>	<i>Developing Countries</i>	<i>Central & Eastern Europe</i>
1967	69.4%	30.6%	-
1985	72.3%	27.7%	-
1990	79.3%	20.6%	0.1%
1997	68%	30.2%	1.8%

Tabela 29: Índice do IED, por Região e Economia, 1990-2011 (Bilhões de dólares) 45

Table 29: FDI Stock, by Region and Economy, 1990-2011
(Billions of dollars) ²⁴⁷

<i>Region</i>	<i>FDI inward stock</i>			<i>FDI outward stock</i>		
	<i>1990</i>	<i>2000</i>	<i>2011</i>	<i>1990</i>	<i>2000</i>	<i>2011</i>
World	2.081	7.445	20.438	2.094	7.962	21.168
Developed Nations	1.563	5.653	13.055	1.948	7.083	7.055
Developing Nations	517	1.731	6.625	145	857	3.705
Developing Asia	343	1.072	3.991	67	608	2.573
China	21	193	712	4	28	366
Hong Kong	202	455	1.138	12	388	1.046
India	1	16	202	0.1	1.7	111
Developing Africa	60	154	570	20	44	126
South Africa	9	43	130	15	32	72
Latin America and the Caribbean	111	502	2.048	57	204	1.005
Argentina	9	67	95	6	21	31
Brazil	37	122	670	41	51	203
Mexico	22	97	302	2	8	112
South-East Europe and the CIS ("Transition Economies")	-	60	757	-	21	407
Russia	-	32	457	-	20	362

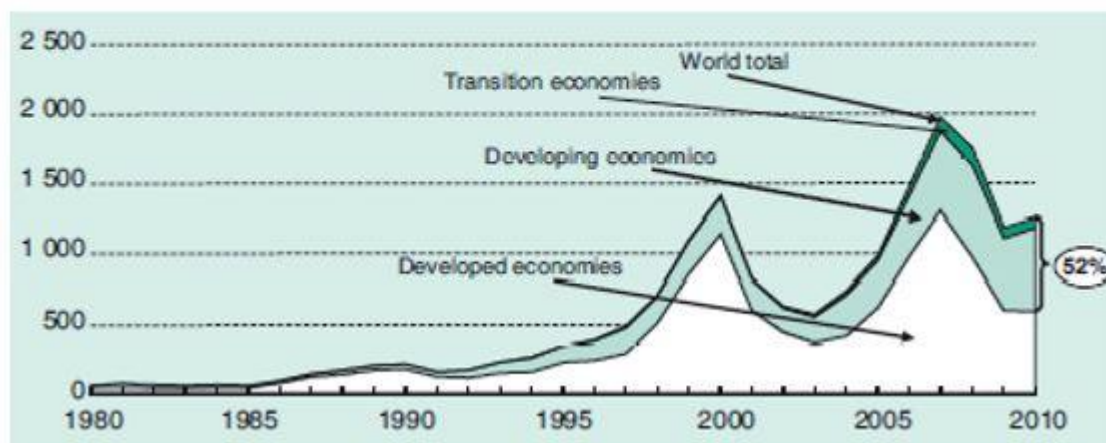
Tabela 30: Índice do IED, por Região e Economia, 1980-2011 (participação das ações globais do IED) ⁴⁶

Table 30: FDI Stock, by Region and Economy, 1980-2011
(share of global FDI stock in percent) ²⁴⁸

Region	FDI inward stock				FDI outward stock			
	1980	1990	2000	2011	1980	1990	2000	2011
World	100	100	100	100	100	100	100	100
Developed Nations	75.6	75.1	75.9	63.9	87.3	93	88.9	80.6
Developing Nations	24.4	24.8	23.3	32.5	12.7	6.9	10.7	17.4
Developing Asia	10.5	16.5	14.4	19.6	2.9	3.2	7.6	12.1
China	-	1	2.6	3.5	-	0.2	0.4	1.7
Hong Kong	-	9.7	6.1	5.6	-	0.6	4.9	4.9
Developing Africa	6.9	2.9	2	2.8	1.3	0.9	0.6	0.6
Latin America and the Caribbean	7.1	5.3	6.5	10	8.5	2.7	2.6	4.7
South-East Europe and the CIS ("Transition Economies")	-	-	0.8	3.8	-	-	0.3	1.9
Russia	-	-	0.4	2.2	-	-	0.3	1.7

Figura 35: Entradas do IED, Mundial e Grupo das Economias, 1980-2010 (em Bilhões de Dólares) ⁴⁷

Figure 35: FDI Inflows, World and Group of Economies, 1980-2010 (in Billion US-Dollars) ²⁴⁹



Essas tabelas dão uma visão geral abrangente do desenvolvimento da distribuição das ações mundiais de investimento estrangeiro nos últimos 30 anos. Mostra que a posição dos países imperialistas clássicos – América do Norte, Europa Ocidental e Japão – como nações exportadoras de capital diminuiu em certo grau entre 1980 e 2011 (de 87,3% para 80,6%). Isso reflete o fato de que nos últimos 10-15 anos surgiram duas novas potências imperialistas - China e Rússia . Suas ações globais do IED subiram entre 1990 e 2011 de 0,8% para 6,6% (China, incluindo Hong Kong), respectivamente, de zero a 1,7% (Rússia).

Consideravelmente maior foi o declínio dos países imperialistas clássicos como destinos de exportação de capital. Sua participação caiu 11,2% entre 1990 e 2011 (de 75,1% para 63,9%). Ao mesmo tempo, a participação dos países em desenvolvimento no IED interno subiu de 24,8% para 32,5%. Isso indica que o papel dos países semicoloniais como destinos para a exportação de capital imperialista e que o desejo de capital monopolista para obter uma taxa de lucro maior tem crescido nas últimas décadas. 48

As tabelas também mostram o seguinte fato interessante; enquanto a China (incluindo Hong Kong) recebe uma parcela significativa do IED global, as estatísticas mostram que a importante mudança que ocorreu nas últimas duas décadas não foi a ascensão do IED que foi para a China. Como mostra a tabela, a participação da China (incluindo Hong Kong) do IED interno caiu ligeiramente de 10,7% para 9,1% entre 1990 e 2011. Como mencionado acima, a mudança significativa foi, em vez disso, a participação enorme da China IED externo de 0,8% para 6,6% no mesmo período. Em outras palavras, a China tornou-se um grande exportador de capital para outros países. Esses números provam claramente a tese dos marxistas de que a China se transformou nos anos 2000 para se tornar uma potência imperialista emergente.

Assim – como podemos ver nas mesmas tabelas – a crescente participação dos países em desenvolvimento no IED interno entre 1990 e 2011 não foi causada pela China, mas principalmente pela crescente parcela de países semicoloniais.

Por fim, queremos olhar para o papel da exportação de capital tanto para os países imperialistas quanto para as semicolônias. Como escrevemos há alguns anos, a globalização é a internacionalização da produção e do comércio sob o crescente domínio do capital monopolista. *"Uma das características mais importantes do presente período é o rápido avanço do processo de monopolização em nível global. O processo imanente dentro do capitalismo da concentração e centralização do capital e da formação de monopólios não ocorre apenas a nível nacional, mas também, e especialmente, no mercado mundial."* 49

Como resultado, o papel do investimento estrangeiro direto na acumulação de capital em todos os tipos de países está crescendo massivamente. Isso fica evidente a partir das tabelas 31, 32 e 33 seguintes que dão uma visão geral do papel do IED na "Formação Bruta de Capital Fixo" de 1980 até 2010.

Tabela 31: Entradas do IED (Investimento Estrangeiro Direto) como porcentagem da formação bruta de capital fixo, 1980-1990 [50](#)

Table 31: FDI Inflows as a Percentage of Gross Fixed Capital Formation, 1980-1990 ²⁵²

<i>Region</i>	<i>1980-82</i>	<i>1981-85</i>	<i>1986-90</i>
Developed economies	2.9%	2.3%	4.4%
Developing Economies	6.0%	2.4%	2.7%
Africa	6.1%	2.5%	3.7%
Latin America and the Caribbean	6.0%	5.6%	3.6%
Developing Asia	5.9%	2.0%	3.5%

Tabela 32: Entradas do IED como percentual de formação bruta de capital fixo, 1990-2010 [51](#)

Table 32: FDI Inflows as a Percentage of Gross Fixed Capital Formation, 1990-2010 ²⁵³

<i>Region</i>	<u><i>1990</i></u>	<u><i>1992</i></u>	<i>1994</i>	<i>1996</i>	<i>1998</i>	<i>2000</i>	<i>2002</i>	<i>2004</i>	<i>2006</i>	<i>2008</i>	<i>2010</i>
Developed economies	4.2	2.4	3.2	4.6	10.1	20.0	8.7	6.5	13.2	11.3	8.4
Developing Economies	4.0	5.0	8.1	9.1	12.6	15.9	10.4	12.5	12.9	13.4	9.6
Africa	3.0	4.3	8.0	6.1	9.4	11.0	15.7	14.8	22.3	23.7	15.9
Latin America and the Caribbean	4.2	6.6	8.7	12.8	20.2	24.7	17.5	23.8	16.0	22.7	16.6
Developing Asia	4.0	4.6	7.9	8.2	9.7	13.2	8.1	9.8	11.4	10.1	7.6
South-East Europe and CIS	-	1.0	1.7	5.3	10.5	9.9	11.1	17.5	17.6	22.2	15.0

Tabela 33: Saídas do IED como porcentagem da Formação Bruta de Capital Fixo, 1990-2010 [52](#)

Table 33: FDI Outflows as a percentage of Gross Fixed Capital Formation, 1990-2010 ²⁵⁵

<i>Region</i>	<i>1990</i>	<i>1992</i>	<i>1994</i>	<i>1996</i>	<i>1998</i>	<i>2000</i>	<i>2002</i>	<i>2004</i>	<i>2006</i>	<i>2008</i>	<i>2010</i>
<i>Developed economies</i>	5.8	4.0	5.4	6.6	12.6	19.3	9.5	12.4	15.6	18.1	13.0
<i>Developing Economies</i>	1.4	2.3	3.8	4.1	3.3	8.5	3.0	5.3	6.9	6.3	5.5

Essas tabelas mostram várias coisas. Em primeiro lugar, demonstram a internacionalização da produção e, conseqüentemente, a utopia de soluções isoladas nacionalmente. O dogma estalinista da possibilidade de construir o socialismo (e até mesmo o comunismo) em um país isolado é hoje ainda mais absurdo do que era há 80 anos.

Em segundo lugar, mostra a importância da exportação de capital para os países imperialistas. Entre 1/7 e 1/5 de seu capital acumulado se deslocam para outros países em seu desejo de maiores lucros. Em terceiro lugar, as tabelas indicam o aumento do peso dos monopólios imperialistas nas economias semicoloniais. A participação do capital estrangeiro no capital social total nas regiões semicoloniais aumentou drasticamente nas últimas duas décadas, de modo que o capital imperialista agora é diretamente responsável por entre 1/10 e 1/8 do acúmulo de capital na Ásia semicolonial, 1/6 e 1/4 na África e América Latina e 1/9 e 1/5 na Europa Oriental e na antiga União Soviética. É claro que a posição dos monopólios estrangeiros também sobe nos próprios países imperialistas, mas aqui não tem o caráter de dominação ou subjugação estrangeira, pois é o caso das nações capitalistas menos desenvolvidas.

Um parêntese: Exportação de capital entre países imperialistas e entre países imperialistas e semicoloniais não é a mesma coisa

Na discussão sobre o IED e a Exportação de Capital há questões importantes a serem consideradas. Como vemos um dos principais argumentos do SWP/IST – repetindo as ideias da maioria dos economistas burgueses – é que a exportação de capital das metrópoles para as semicolônias é apenas uma participação minoritária entre a exportação total de capital.

Este argumento ignora diferenças importantes no caráter de exportação de capital entre países imperialistas e entre países imperialistas e semicoloniais, como já apontamos em outro lugar. ⁵³ A exportação de capital para as semicolônias tem como causa, principalmente, a tentativa de capital

monopolista de *elevar sua taxa de lucro através da obtenção de lucros extras*. O aumento dessa exportação de capital é o resultado da queda das taxas de lucro nos centros imperialistas desde a década de 1970 e da tentativa do capital de combatê-lo através do investimento e do comércio com economias capitalistas menos desenvolvidas.

A exportação de capital entre os estados imperialistas serve sobretudo ao *avanço dos monopólios*. Isso toma a forma da centralização acelerada do capital através do aumento da colaboração entre os monopólios, ou a tomada de monopólios por outros monopólios. Esta é a explicação pela qual uma parte importante do IED entre os Estados imperialistas não é um novo investimento ou expansão (chamado de "*Greenfield*" por economistas burgueses), mas serve apenas para financiar a aquisição de outras corporações (chamadas de "*Fusões & Aquisições*" ou F&A). Uma indicação para isso é o fato de que, embora a maior parte do F&A ocorra nos países imperialistas clássicos – América do Norte, UE e Japão – a produção industrial, como mostramos na Tabela 3, praticamente estagnou na última década ou até mesmo declinou.

Portanto, enquanto a exportação de capital entre estados imperialistas também tem os lucros como seu objetivo final, a maneira de conseguir isso não é tanto através da criação de lucros-extras via super-exploração, mas reforçando seu controle monopolista sobre o mercado e, portanto, para aumentar seus lucros monopolistas (que, naturalmente, está acima da taxa média de lucros).

Essa diferenciação deve ser entendida de forma dialética como tendências, não como uma impenetrável parede chinesa. A exportação monopolista de capital para países semicoloniais para centralização do capital também ocorre – em particular dada a onda de privatização de empresas nacionalizadas que ocorre no Sul desde a década de 1980. Portanto, uma proporção significativa do IED para os países semicoloniais também é F&A. No entanto, as proporções qualitativamente diferentes de F&A (Fusão e Aquisição) e *Greenfield Investment* indicam uma diferença nos monopólios de exportação de capital para as partes imperialistas e semicolonial da economia mundial. Um *investimento greenfield* é um tipo de investimento estrangeiro direto (IED) no qual uma empresa-mãe cria uma subsidiária em um país diferente, construindo suas operações do zero.

Sem compreender essa diferenciação sobre a função concreta da exportação de capital acaba em confusão e, em equívoco, o caráter específico do imperialismo. Em uma discussão sobre o projeto de programa do Partido Bolchevique em 1917, Lênin já apontou essa necessária diferenciação do papel da exportação de capital para os países imperialistas e para os países coloniais:

"No rascunho do camarada Sokolnikov, encontramos uma mera referência à "exportação de capital" em um lugar, enquanto em outro, e em uma conexão totalmente diferente, lemos de "novos países que são campos para a utilização de capital exportado em busca de super-lucros". É difícil aceitar como correta a declaração sobre super-lucros e novos países, uma vez que o capital também foi exportado da Alemanha para a Itália, da França à Suíça, etc. Sob o imperialismo, o capital começou a ser exportado para os países antigos também, e não apenas para os super-lucros. O que é verdade em relação aos novos países não é verdade no que diz respeito à exportação de capital em geral." 54

Um olhar concreto para as estatísticas disponíveis confirma nossa diferenciação entre o papel da exportação de capital dirigida de forma monopolista para outros países imperialistas, que muitas vezes é para fins de fusão e aquisição, e a exportação de capital para economias semicoloniais nas quais os novos investimentos desempenham um papel muito mais significativo.

O economista marxista Andrew Glyn relatou há alguns anos: "*Bem mais da metade dos fluxos do IED nos países da OCDE representam fusões e aquisições transfronteiriças, em vez de empresas que montam fábricas ou escritórios do zero*". 55

Em seu *Relatório Anual de Investimento Mundial* em 2000, a UNCTAD informou ainda que no ano anterior 4/5 do total mundial os fluxos de IED eram F&A transfronteiriços. Um número semelhante é dado por Éric Toussaint na Tabela 34, que mostra que o investimento estrangeiro dos EUA na década de 1980 foi cerca de 6 vezes mais em aquisições do que em novos investimentos.

Tabela 34: Aquisição e Criação de Empresas por Capital Estrangeiro nos EUA, 1983-1989 56

Acquisitions by value=Aquisições por valor / *Creation by value*= Criação por valor

Ratio of value of acquisition to Creation=Razão do valor de aquisição para a criação

Table 34: Company Acquisitions and Creation by Foreign Capital in the US, 1983-1989 ²⁵⁸

	1983	1985	1987	1989
<i>Acquisitions by value (\$billions)</i>	5	20	34	60
<i>Creation by value (\$billions)</i>	3	3	6	9
<i>Ratio of value of Acquisitions to Creation</i>	1,6	6,6	5,6	6,6

Isso também mostra, mais uma vez, que a globalização é fortemente motivada pelo impulso dos monopólios para se apropriar de um setor cada vez maior da economia por meio da centralização internacional do capital. A UNCTAD observa a diferença entre o IED em relação aos países imperialistas e aos países semicoloniais:

"Os F&A são particularmente significativos como um modo de entrada para o IED em países desenvolvidos. No mundo em desenvolvimento, o Greenfield IED ainda é dominante. Os fluxos de IED para países em desenvolvimento associados às F&As têm aumentado, no entanto, seu valor aumentou aproximadamente de um décimo do valor do total de entradas do IED no final da década de 1980 para um terço no final da década de 1990." 57

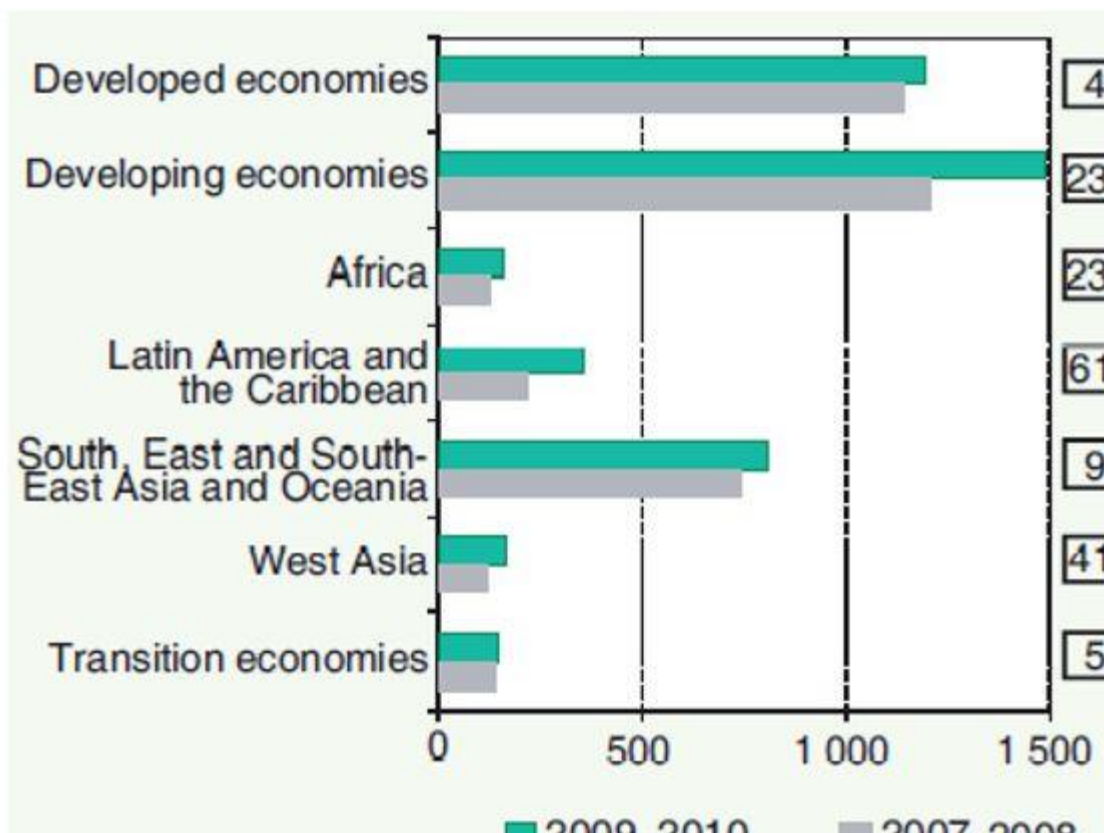
Em seu *Relatório Mundial de Investimento 2011*, a UNCTAD ressaltou a diferença novamente. Enquanto mais de 2/3 do valor total do investimento da Greenfield é direcionado para as chamadas economias em desenvolvimento, apenas 25% dos F&A transfronteiriços são realizados lá. Conclui: "*As economias em desenvolvimento e transição tendem a abrigar investimentos em greenfield em vez de F&A transfronteiriços.*" 58

A UNCTAD também aponta a importância do Investimento *Greenfield* nos chamados países em desenvolvimento para os maiores monopólios internacionais – as "Corporações Transnacionais" (CTNs) – e o lucro extra que eles derivam dessas regiões. (Veja também a Figura 36)

"Os lucros corporativos, que foram cortados pela crise, se recuperaram acentuadamente para muitos das maiores CTNs do mundo. A rápida recuperação econômica das maiores economias em desenvolvimento desempenhou um papel importante na restauração dessas empresas ao crescimento da renda. . Em alguns casos, a receita das economias em desenvolvimento e em transição cresceu para representar uma parte significativa da receita operacional das CTNs. Essa tendência abrange as indústrias, com CTNs tão variados quanto Coca-Cola (Estados Unidos), Holcim (Suíça) e Toyota Motors (Japão) derivando mais de um terço de sua receita operacional de economias em desenvolvimento. A atividade de investimento dos 100 maiores CTNs do mundo mudou decididamente para economias em desenvolvimento e transição. Comparando projetos internacionais greenfield entre 2007-2008 e 2009-2010, o número de projetos voltados para essas economias aumentou 23%, em comparação com apenas um aumento de 4% nas economias desenvolvidas. Embora os investimentos no desenvolvimento da Ásia tenham dominado, polos crescentes de investimento são agora perceptíveis na América Latina e na África. A Metro AG (Alemanha) está buscando crescimento nas economias em desenvolvimento e transição, abrindo novas lojas na Federação Russa (17), China (7), Cazaquistão (4) e Vietnã (4) durante 2010, enquanto o fechamento de lojas em mercados desenvolvidos na Europa.²³ A General Electric (Estados Unidos), a maior CTN do mundo em termos de ativos estrangeiros, também é emblemática dessa mudança, tendo anunciado recentemente que pretende intensificar seu foco em mercados emergentes – que respondem por 40% das receitas industriais da empresa – a fim de reduzir custos e aumentar o crescimento da receita" 59

Figura 36: Greenfield Investimentos pelas maiores 100 CTNs do mundo, por região anfitriã, 2007-2008 e 2009-2010 (Número de Projetos e variação percentual entre períodos) 60

Figure 36: Greenfield Investments by the largest 100 TNCs in the World, by host Region, 2007–2008 and 2009–2010 (Number of Projects and percent change between Periods) ²⁵⁹



Terminamos agora com essa primeira visão geral. Aachamos que ficou claro que a super-exploração imperialista do mundo semicolonial não é um fenômeno periférico e secundário. Muito pelo contrário, sua dimensão é enorme e crescente. É obviamente de grande importância para o chamado Terceiro Mundo, mas – como mostraremos com mais detalhes – também é essencial para os monopólios imperialistas.

¹ José Antonio Ocampo e José Gabriel Palma: O Papel do Regulamento de Contas de Capital Preventivo; in: José Antonio Ocampo e Joseph E. Stiglitz (eds.): Liberalização e Desenvolvimento do Mercado de Capitais, Nova York 2008, capítulo 7, Figura 4; <http://www.imf.org/external/np/seminars/eng/2011/res/pdf/jao.pdf>

² Pierre Jalée: Die Ausbeutung der Dritten Welt (1965), Frankfurt a.M. 1968, p. 107. (nossa tradução)

3 Organização Mundial da Saúde: Implementação da Estratégia Global de Saúde para Todos até o ano 2000. Oitavo relatório sobre a situação mundial da saúde, Genebra 1993, p 16

4 Ernest Mandel: Verschuldungskrise: Eine tickende Zeitbombe; in: Bortz/Castro/Mandel/Wolf: Schuldenkrise, Frankfurt a.M. 1987, pp. 84-85

5 André Gunder Frank: Kapitalistische Unterentwicklung oder sozialistische Revolution (1968); em: Bolivar Echeverria, Horst Kurnitzky (Hrsg.): Lateinamerika. Entwicklung einer Unterentwicklung, Berlin 1980, p. 109

6 Vincent Ferraro e Melissa Rosser: Dívida Global e Desenvolvimento do Terceiro Mundo; in: World Security: Challenges for a New Century, editado por Michael Klare e Daniel Thomas (Nova York: St. Martin's Press, 1994), pp. 332-355, <http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/globdebt.htm>

7 PNUD: Relatório de Desenvolvimento Humano 1992, p. 67

8 PNUD: Relatório de Desenvolvimento Humano 1992, p. 67

9 Helmut Faulwetter: Die Ausbeutung der Entwicklungsländer durch das international Monopolkapital; in: Autorenkollektiv (unter Leitung von Peter Stier): Handbuch Entwicklungsländer. Sozialökonomische Prozesse, Fakten und Strategien, Berlin 1987, p. 18 (nossa tradução)

10 Ver Michael Pröbsting: Imperialismus, Globalisierung und die Ausbeutung der Halbkolonien (2007), em: BEFREIUNG Nr. 154; <http://www.trend.infopartisan.net/trd1207/t261207.html>; Michael Pröbsting: Der Verrat der 'Linken' im Gaza-Krieg; in: Unter der Fahne der Revolution Nr. 4 (2009), p. 46, <http://www.thecomunists.net/theory/gaza-krieg-und-linke>; Michael Pröbsting: Die halbe Revolution. Lehren und Perspektiven des arabischen Aufstandes; in: Der Weg des Revolutionären Kommunismus (Theoretical Journal of the Revolutionär-Kommunistischen Organization zur Befreiung, RKOB), Nr. 8 (2011), p. 9.

11 Nações Unidas: Situação Econômica Mundial e Perspectivas 2008, p. 69, Situação Econômica Mundial e Perspectivas 2009, p. 62, Nações Unidas: Situação Econômica Mundial e Perspectivas 2010, p. 73 e Nações Unidas: Situação Econômica Mundial e Perspectivas 2012, p. 76

12 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 11

13 Paulo Nakatani e Rémy Herera: O Sul já quitou dívida externa para o Norte. Mas o Norte nega sua dívida com o Sul, Revisão Mensal, Volume 59, Edição 02 (junho de 2007)

14 Nações Unidas: Situação Econômica Mundial e Perspectiva 2012, p. 75

15 Nações Unidas: Situação Econômica Mundial e Perspectiva 2012, p. 74.

16 Veja esta Onu: Situação Econômica Mundial e Perspectiva 2012, p. 133

17 Paulo Nakatani e Rémy Herera: O Sul já quitou dívida externa para o Norte. Mas o Norte nega sua dívida com o Sul, Revisão Mensal, Volume 59, Edição 02 (junho de 2007). Veja também Andrew M. Fischer: Colocando ajuda em seu lugar: Insights dos primeiros estruturalistas sobre ajuda e equilíbrio de pagamentos e lições para debates de ajuda contemporânea; Instituto de Estudos Sociais, Haia, Países Baixos; in: Journal of International Development, nº 21 (2009), p. 861

18 Christian Freres e Andrew Mold: Política Comercial da União Europeia e os Pobres. Para melhorar o impacto da pobreza do GSP na América Latina, 2004, p. 8

19 Catherine Barber: A lógica da migração (2008), Publicação Oxfam, p. 1

20 François Bourguignon e Christian Morrisson: Desigualdade entre cidadãos mundiais: 1820-1992, em: The American Economic Review, Vol. 92, No. 4. (Setembro de 2002), p. 742, <http://links.jstor.org/sici?sici=0002-8282%28200209%2992%3A4%3C727%3AIAWC1%3E2.0.CO%3B2-S>. **Coeficiente de Gini**, por vezes chamado índice de **razão de Gini**, é uma medida de desigualdade desenvolvida pelo estatístico italiano Corrado Gini. Pode ser usado para qualquer distribuição embora seja comumente utilizado para medir a desigualdade de distribuição de renda. O **Índice de Theil** é uma medida [estatística](#) da [distribuição de renda](#).

21 Pierre Jalée: Das neueste Stadium des Imperialismus (1969), München 1971, p. 138. Números semelhantes são dados para o ano de 1975 em: Berliner Institut für Vergleichende Sozialforschung: Das Elend der Modernisierung. Die Modernisierung des Elends. Unterentwicklung und Entwicklungspolitik em Lateinamerika, Berlim 1982, p. 115

22 Thomas Fritz: Globalização da Fome: Segurança Alimentar e Política Agrícola Comum da UE (2011), p. 7

23 Comissão Europeia: Recuperação das exportações agrícolas globais e da UE, Monitoramento da Política agro comercial, nº 01-11, maio de 2011, pp. 7-8

24 Comissão Europeia: Recuperação das exportações agrícolas globais e da UE, Monitoramento da Política Agro-comércio, Nº 01-11, maio de 2011, p. 7

25 União Europeia: Matérias-primas, 3.13.2012, http://ec.europa.eu/trade/creating-opportunities/trade-topics/raw-materials/index_en.htm

26 Fanuel Hazvina: Iniciativa de matéria-prima da UE e suas implicações nas Relações da UE com a África, Centro de Estudos de Comércio e Desenvolvimento (TRADES Centre), junho de 2011, pp. 7-8

27 Thomas Lazzeri: EPAs e a Iniciativa Europeia de Matérias-Primas, em: AEFJN: Fórum para ação Nº:º 55 (março de 2011), p. 14

28 Comissão Europeia: Enfrentando os Desafios nos Mercados de Commodities e nas Matérias-Primas, 2.2.2011, p. 21. Estas 14 matérias-primas são: antimônio, fluorspar, gálio, germânio, figureita,

índio, magnésio, terras raras, tungstênio, metais do grupo de platina, cobalto, tântalo, nióbio e tântalo.

29 Pierre Jalée: *Das neueste Stadium des Imperialismus* (1969), München 1971, p. 139

30 Ambas as citações são tiradas de: David Yaffe: *A aristocracia trabalhista e imperialismo* (Parte 2), em: FRFI 162 Agosto / Setembro de 2001, <http://www.revolutionarycommunist.org/index.php/britain/1142-the-labour-aristocracy-and-imperialism-part-two-frfi-162-aug-sep-2001>

31 Além das citações que já reproduzimos acima, damos aqui mais alguns exemplos para essa banalização pelos teóricos cliffitistas:

"Essa retirada da colonização direta teve como corolário direto o fim dos antigos confrontos entre as potências ocidentais sobre a divisão do resto do mundo. O impulso para a guerra entre eles parecia ter ido de uma vez por todas. Também foi acompanhado por outra coisa inesperada pelas teorias de Lênin e Bukharin sobre o imperialismo – uma vez desprovidos de suas colônias, cada uma das economias ocidentais participou de um boom que eventualmente durou mais de um quarto de século, viu um desemprego mínimo e manteve os níveis de lucro sem problemas aparentes, apesar dos aumentos regulares nos padrões de vida de seus trabalhadores. E os países avançados sem colônias – Alemanha Ocidental, Japão e Itália – tiveram as economias que se expandiram mais rapidamente. Quase parecia que Hobson estava certo em suas alegações de que as colônias eram um dreno na economia que de outra forma seria capaz de fornecer reformas maciças em casa.

Na verdade, a força motriz por trás do boom foi precisamente a rivalidade imperialista da Guerra Fria entre os EUA e a URSS, com seus gastos maciços com armas. Longe de haver um 'excedente' de capital nos países avançados, houve uma escassez, e as exportações de capital permaneceram nos níveis muito baixos aos que haviam afundado na grande queda da década de 1930." (Chris Harman (SWP): *Analisando o Imperialismo*, pp. 29-30)

"Por trás da estabilidade política estava a descoberta pelos imperialistas europeus das décadas de 1940 e 1950 que perder seu controle direto sobre suas colônias não lhes custou muito. As mudanças econômicas no período pós-guerra significaram que os destinos mais rentáveis para investimentos eram mais propensos a estar em outros países avançados do que nas antigas colônias. Assim, as economias britânica, francesa, holandesa e belga cresceram após a perda de suas colônias." (Chris Harman: *O Oriente Médio: Cuidado com o Tigre Encurralado*, *Revisão Socialista* (Novembro de 2006), <http://www.socialistreview.org.uk/article.php?articlenumber=9874>)

32 Ver Christian Fuchs: *Uma Contribuição para Estudos Críticos de Globalização* (2009); Centro para o Estudo Crítico do Poder Global e Política Papel de Trabalho CSGP 09/8, p. 17 <http://www.trentu.ca/globalpolitics/documents/Fuchs098.pdf>

33 Angus Maddison: *A Economia Mundial, Volume 1: Uma Perspectiva Milenar, Volume 2: Estatística Histórica*, Estudos do Centro de Desenvolvimento 2006, p. 101, nossos cálculos. As Nações

Capitalistas Avançadas são: Europa, América do Norte e Austrália. Nações coloniais e semicoloniais são: América Latina, Ásia e África. Maddison observa que a soma das ações de 1938 não mostra o resultado de 100% uma vez que a soma total inclui investimentos que não são classificados por região.

34 Hans Tammer (Hrsg.): Anschauungsmaterial. Politische Ökonomie, Kapitalismus, Berlin 1984, p. 103

35 Hans Tammer (Hrsg.): Anschauungsmaterial. Politische Ökonomie, Kapitalismus, p. 104

36 Autorenkollektiv unter Leitung von N.N. Inosemzew, W.A. Martynow, S.M. Nikitin: Lenins Imperialismustheorie und die Gegenwart (1977), Berlin 1980, p. 142

37 Já fizemos esse ponto em Keith Hassel: Teoria Revolucionária e Imperialismo, em: Revolução Permanente (Journal of Workers Power Britain), No. 8 (1989)

38 Veja nesta edição também nosso artigo: Arbeiterstandpunkt: Von der Unterentwicklung zur Entwicklung – und wieder zurück? em: Arbeiterstandpunkt Nr. 14 (1988)

39 Angus Maddison: A Economia Mundial, Volume 1: Uma Perspectiva Milenar, Volume 2: Estatística Histórica, Estudos do Centro de Desenvolvimento 2006, p. 128

40 Marcello de Cecco: Der Einfluß der multinationalen Gesellschaften auf die Wirtschaftspolitik der unterentwickelten Länder; em: Kapitalismus em den siebziger Jahren. Referate zum Kongreß em Tilburg im Setembro de 1970, Frankfurt 1971, p. 175

41 Morris Miller: Onde a interdependência global nos levando?: Por que precisamos de um "Novo (melhorado) Bretton Woods"*; De "Tensões Sociais & Conflito Armado: Étnica & Outros Aspectos", Painel: Interdependência global em questões econômicas & financeiras", Pugwash, Nova Escócia, 28 a 31 de julho de 1994 <http://www.ncrb.unac.org/unreform/archive/globalization.html>

42 Celso Furtado: Desenvolvimento Econômico da América Latina. Histórico e problemas contemporâneos, Nova York 1984, pp. 204-206

43 Celso Furtado: Desenvolvimento Econômico da América Latina. Histórico e problemas contemporâneos, Nova York 1984, p. 220

44 Ver Robert Went: Ein Gespenst geht um... Globalisierung! Eine Analysis, Zuriq 1997, S. 57 e Robert Went: Globalization. Challenge Neoliberal, Respostas Radicais, Londres 2000, p. 45

45 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2012, pp. 173-176

46 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2012, pp. 173-176; UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, pp. 191-193; nosso próprio cálculo. Para o ano de 1980, pegamos os números da UNCTAD: World Investment Report 2006, p. 7

47 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 3

48 Já apontamos esse desenvolvimento em nosso estudo de globalização há alguns anos. Veja Michael Pröbsting: Imperialismus, Globalisierung und der Niedergang des Kapitalismus; in: Revolutionärer Marxismus 39, agosto de 2009, pp. 69-70, <http://www.arbeitermacht.de/rm/rm39/rm39imperialismus.htm>; em inglês: Michael Pröbsting: Imperialismo e o Declínio do Capitalismo (2008), em: Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: The Credit Crunch - A Marxist Analysis (2008), p. 98, <http://www.fifthinternational.org/content/imperialism-and-decline-capitalism>

49 Michael Pröbsting: Imperialismus, Globalisierung und der Niedergang des Kapitalismus, p. 68, em inglês: Michael Pröbsting: Imperialismo e o Declínio do Capitalismo (2008), em: Richard Brenner, Michael Pröbsting, Keith Spencer: The Credit Crunch - A Marxist Analysis (2008), p. 96

50 UNCTAD: World Investment Report 1991, p. 8 e UNCTAD: World Investment Report 1994, pp. 422-424. Para os anos de 1981-1990, levamos o Leste, o Sul e o Sudeste Asiático para o Desenvolvimento da Ásia, uma vez que esta edição do Relatório Mundial de Investimento da UNCTAD não fornece números para esta última categoria.

51 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011; Tabelas anexo, Tabela Web 5. As entradas do IED como percentual da formação bruta de capital fixo, 1990-2010, Web www.unctad.org/wir. No entanto, é necessário chamar a atenção do leitor para alguns problemas com essas estatísticas da UNCTAD.

Os números do Sudeste Europeu e dos Estados da antiga União Soviética (C. I. S.) estão apenas parcialmente completos porque nas estatísticas anteriores da UNCTAD esses países foram agrupados com os Estados do Leste Europeu que entraram na UE em 2004 e isso distorce as estatísticas. As estatísticas da UNCTAD também usam os números distorcidos do FDI de Hong Kong e da China, onde de fato até 2008 uma proporção significativa disso era capital chinês transferido para Hong Kong e reinvestido na China como "investimento estrangeiro" para obter privilégios fiscais. (Mais sobre isso em "Uma Nota sobre o Papel de Hong Kong no Investimento Estrangeiro Direto" no Capítulo 10).

No que diz respeito ao IED, "permanente", deve ser entendido como a totalidade, muitas vezes acumulada ao longo de um longo período de tempo, de capital investido em, ou a partir de um país. Em contrapartida, "flow" refere-se ao IED recém-investido em um determinado ano. "O IED nacional refere-se à participação do IED importado no investimento fixo total ou no PIB do país em causa. "O FDI ultramarino" refere-se ao IED exportado como uma proporção do investimento bruto fixo ou do PIB do país de onde o IED é exportado.

As categorias UNCTAD "países desenvolvidos" e "países em desenvolvimento," são claramente muito problemáticas e expressam arrogância imperialista no nível conceitual. Em geral, a categoria "país desenvolvido", refere-se aos estados imperialistas e "país em desenvolvimento", significa semicolonial. No entanto, a este respeito, há uma limitação não sem importância: a UNCTAD inclui

os países semicoloniais da Europa Oriental que ingressaram na UE em 2004 e no qual o IED desempenha um papel importante na acumulação de capital, com os "países desenvolvidos", em seu último "World Investment Report". As tabelas da UNCTAD também estão enfraquecidas pelo fato de incluírem os estados do Sudeste Europeu e a antiga União Soviética como uma categoria separada dos outros países. Na realidade, no entanto, todos esses países, com exceção da Rússia, são semicolônias. Em contraste, a Rússia é um estado imperialista.

52 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011; Tabelas anexo, Tabela Web 6. Saídas do IED como percentual da formação bruta de capital fixo, 1990-2010, Web www.unctad.org/wir

53 Michael Pröbsting: Imperialismus, Globalisierung und der Niedergang des Kapitalismus; in: Revolutionärer Marxismus Nr. 39 (2008), p. 69; em inglês: Michael Pröbsting: Imperialismo e o Declínio do Capitalismo; in: Richard Brenner / Michael Pröbsting: The Credit Crunch (2008), p. 97

54 W. I. Lenin: Revisão do Programa Partidário (1916); in: LCW Vol. 26, pp. 165-166

55 Andrew Glyn: Capitalismo Libertado. Finanças, Globalization e Welfare, Nova York 2006, p. 101

56 Éric Toussaint: Seu Dinheiro ou sua Vida. A Tirania das Finanças Globais; Bruxelas 1999, p. 32

57 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2000, p. XX; ver também UNCTAD: World Investment Report 1995, p. 145

58 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 10

59 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, pp. 26-28

60 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2011, p. 28